**Resumo: 1) Oostenbroek et al.(2016), Comprehensive Longitudinal Study Challenges the Existence of Neonatal Imitation in Humans e 2) Meltzoff, A. Murray, L. et al. (2017). Re‐examination of Oostenbroek et al. (2016): evidence for neonatal imitation of tongue protrusion.**

Oostenbroek et al. refutam a existência de imitação neonatal através de estudo longitudinal com 106 bebês submetidos a 11 testes, sendo 9 com modelos sociais e 2 não-sociais, em 4 ocasiões diferentes (1, 3, 6 e 9 semanas de vida). Reportam que os bebês não imitaram nenhum dos modelos e tiveram respostas aleatórias.

Examinando os resultados desse estudo, Meltzoff et al. identificaram erros de design experimental que enviesaram os resultados para efeitos nulos: testes longos demais, com excesso de estímulos, ações muito diferentes entre si, ações impossíveis de serem reproduzidas por recém-nascidos, períodos curtos demais entre estímulo e resposta e para resposta, critérios de julgamento do comportamento falhos e pouco objetivos, metodologia que ignorou os mecanismos de atenção dos neonatos já registrados na literatura, inconsistência de dados experimentais nos bebês escolhidos para os estudos longitudinais (como a escolha de alguns que não tinham feito todos os experimentos, ou com dados incompletos), inconsistência na execução dos experimentos e falta de aleatoriedade na ordem dos movimentos apresentados.

Meltzoff et al. também mostraram haver erros nos métodos estatísticos utilizados e que havia, ao contrário do que os autores originais postularam, evidência estatística de imitação no comportamento de mostrar a língua. Terminam a revisão fazendo recomendações para que novos estudos não sofram dos mesmos problemas encontrados no estudo revisado.

**Questões: Jones, S. S. (2009). The development of imitation in infancy. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 364(1528), 2325-2335.**

1. **Não vi no artigo qualquer discussão sobre diferenciais de “interesse” em bebês. Explico: bebês humanos passaram por seleção natural que favoreceu os comportamentos sociais, de comunicação entre eles e os conspecíficos. A protrusão da língua pode ser vista como tentativa de comunicação, porém a imitação de outros movimentos faciais ou manuais podem não ter sido selecionados, e portanto seria lógico que bebês neonatos não imitem esses movimentos. Além disso, senti falta de experimentos de espelhamento propriamente ditos, como esticar a mão em direção ao bebê esperando que este estique a mão para completar o toque. Há também essa discussão sobre a imitação sendo apenas considerada caso haja a intencionalidade e compreensão do ato; para mim, a teoria dos neurônios-espelho explica a imitação neonatal como uma resposta automática, não intencional, algo como o reflexo do bocejo. Entendi errado?**